

O ensino na Idade da Pedra

Amá qualidade do ensino brasileiro, que resulta em elevados índices de repetência e de evasão, não se deve apenas à má formação e ao desestímulo do magistério. Passa também, pela falta de equipamentos didáticos, como bibliotecas e laboratórios de Ciências e de Informática, meios auxiliares, mas indispensáveis para um bom ensino. É com profunda tristeza, por exemplo, que constatamos que apenas 19,6% das escolas públicas e particulares de educação básica — excluindo as de educação infantil — contam com biblioteca, no limiar do século XXI, quando os velhos “depósitos” de livros já são coisa do passado, graças aos progressos da informática.

No Brasil, as bibliotecas ainda são desconhecidas por

uma imensa legião de cidadãos, embora ambicionemos integrar o Primeiro Mundo. O estado do Maranhão é o menos aquinhoados em matéria de bibliotecas escolares: elas existem em apenas 3,89% das 14.955 escolas. Um escândalo!

A unidade da Federação mais privilegiada nesse sentido é o Distrito Federal. Mesmo assim, 26% das suas 906 escolas não possuem biblioteca. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, mais da metade das escolas ainda não tem biblioteca.

O Ministério da Educação vem fazendo um grande esforço na distribuição dos livros didáticos, que agora chegam às escolas antes da abertura do ano letivo. É um avanço, mas o livro didático é apenas uma gota d’água no oceano das necessidades do aluno.

Se as nossas escolas não têm bibliotecas, o que dizer, então, dos laboratórios de Ciências? É claro que, nesse ponto, a situação ainda é pior: a média é de apenas 6,5% de escolas com esse recurso. No Norte, só 1% das escolas com laboratórios, e no rico Sudeste, 18,4%.

É compreensível, portanto, que a mais recente ferramenta educacional, a informática, esteja presente em apenas 4,1% das escolas do ensino fundamental e em 28% das de ensino médio, incluindo também a rede particular, onde muitos estabelecimentos utilizam o computador mais como ferramenta de marketing do que como importante instrumento estimulador e facilitador da aprendizagem.

Como se vê, o Brasil ainda tem um longo caminho a per-

correr nesses campos. Até porque não basta pôr computadores nas escolas: é preciso treinar os professores, para que possam explorar todas as suas potencialidades, em benefício dos alunos.

Outro detalhe é que não devemos queimar etapas: o computador não substitui a biblioteca nem o laboratório de Ciências. Os alunos precisam adquirir o gosto pelos livros e fazerem experiências ao vivo, pondo a mão na massa, literalmente.

Nesses sentidos, o Paraná desenvolve um projeto interessante, que consiste na instalação em escolas de ensino médio de 300 núcleos, combinando laboratórios de informática e biblioteca com recursos internacionais já assegurados.

Já vai muito longe, no

mundo desenvolvido, o tempo em que, como se dizia no popular, as aulas eram de “cuspe e giz”. Hoje, a meta é “ensinar como se aprende!”. E, nesse contexto, bibliotecas e laboratórios diversos são indispensáveis.

Os governos federal, estaduais e municipais, com auxílio da iniciativa privada e das comunidades, precisam investir muito mais nesse campo. O envolvimento da comunidade com a escola cria cumplicidade que garante, no mínimo, a manutenção dos equipamentos, quando não também a sua aquisição. Cabe às autoridades e aos líderes comunitários motivar a sociedade para mobilização. Mobilização, aliás, que se consegue com relativa facilidade em torno da Copa do Mundo.

Patriotismo não se resume a

vestir a camisa verde-amarela e gritar para incentivar a nossa seleção. Patriotismo também é lutar com todas as forças por uma escola de qualidade para os nossos filhos. Não podemos ter o luxo de, na virada do milênio, desprezar recursos que aceleram o processo de alfabetização, melhoram a capacidade de leitura, estimulam a criatividade e incentivam um clima de trabalho coletivo; — enfim, abrem um mundo novo para as nossas crianças e jovens e possibilitam um futuro promissor.

■ **Magno de Aguiar Maranhão** é membro do Conselho Estadual de Educação (RJ)/ Reitor do Centro Universitário Augusto Motta (RJ)/ Pró-Reitor Acadêmico da Universidade Veiga de Almeida (RJ)